

A TRIBUNA — Domingo, 23 de outubro de 1994

Do significado das palavras

Há palavras cujo sentido deveria ser claramente explicado, para que não houvesse dúvida quanto à oportunidade e propriedade da sua aplicação. Uma delas é a palavra "amor". Um dicionário lacônico e positivo assim a classifica: "Necessidade da natureza de que resulta a aproximação dos sexos e a reprodução da espécie". Como que assustado com a pobreza e deselegância da sua própria definição, o autor do verbete acrescenta, depressa: "No homem, tal necessidade é acompanhada de sentimentos da alma e do espírito, que o distingue dos animais". Graças a Deus, que veio a tempo a ressalva.

~~Antes de mais nada, nem~~ sempre é o amor o que existe entre dois seres que se aproximam "para a reprodução da espécie". Mesmo porque, no que eles menos costumam pensar, quando da referida aproximação, é na citada espécie. Emil Ludwing, referindo-se à magnificência da paixão entre Cleópatra e Antônio, tem uma frase feliz: "Que estupendo encontro de sexos, aquele!" Sim, o que vai por aí, sejam ou não estupendos os encontros, nem sempre é amor. Será encontro de sexos, sim, não como os da famosa egípcia e o apolíneo romano. Às vezes chega a ser até bem sórdido.

Amor é alguma coisa mais importante, mais completa, mais profunda. E tanto que, entre as carências da vida, a mais dolorosa é a carência de amor. Jamais ter conhecido esse transbordamento do ser, jamais ter feito a completa dádiva de si própria, nunca ter sentido a alegria de querer, de servir, de consolar, de animar, de embalar uma criatura através dos rudes instantes da vida, através, principalmente, do prosaico cotidiano, tantas vezes monótono e inexpressivo,

é pobreza irremediável, indigência afetiva de causar compaixão. Amor, acima de tudo, é devotamento. De certa forma, satisfaz-se só com o existir. Amar, mesmo que esse amor não seja correspondido, já é uma realização, por permitir o florescimento do coração. Retribuído, é sentimento tranquilo, companhia fiel. Mantém-se jovem dentro dos corações que envelhecem, corre firme pelas artérias que o tempo enrijeceu, anima espíritos que já se aproximam da fronteira definitiva, é amparo, recompensa e estímulo. Seus ecos povoam silêncios irremediáveis, sua luz ilumina solidões.

Aquele simbolismo do menino de olhos fechados, cujas flechas ferem a esmo, é perfeito. Ninguém sabe por que ama a quem ama. Sabe apenas, que seus olhos realizam o milagre de conservar intocada a imagem querida, transforme-lhe o tempo os traços, roube-lhe a morte a presença. Não há, no amor, possibilidade de ferir, de magoar, de humilhar, de fazer sofrer. Não quer trair, não quer mentir, não quer esquivar-se a lutas e dores. Acima de tudo, o amor não mata. Ninguém mata por amor. A mais mentirosa das mentiras é a que fala em assassinio por amor. Com que direito se dá à paixão dominadora, ávida, mesquinha, tal nome? Por que emprestar aos assassinos, que desejo frustrado ou ciúme odiando impeliu, um halo romântico, falando de um amor que eles desgraçadamente não conheceram, porque amor é, acima de tudo, caridade, piedade, capacidade de renúncia, se nessa renúncia reside a felicidade do ser amado.

Os seres humanos não são bons nem maus, nem jovens, nem velhos, nem feios nem bellos, nem estúpidos nem geniais, nem ricos nem miseráveis. São, apenas, criaturas que amam, ou não, criaturas amadas, ou não. Nisso está toda a história da humanidade.